

# O ERRO GEROU O VÁCUO

## EM TORNO DOS PROBLEMAS DA PINTURA PORTUGUESA

por JOSÉ DE BRAGANÇA

O leitor, isento de opinião preconcebida, terá verificado, pelas claras amostras aqui apresentadas, pelo menos a insinceridade da mal fundada hipótese Nuno Gonçalves-S. Vicente, a que se tem pretendido dar foros de oficial, quer em publicações repetidas, quer em exposições levadas a Paris e a Londres, onde a crítica consciente não deixou de fazer suas reservas, entre incrédulas e irónicas.

Tem-se procurado, assim, buscar no estrangeiro um apoio espectacular, um reforço de autoridade a uma

opinião controvertida, num problema nacional que devia ser livremente esclare-

cido de portas adentro e só depois apresentado em termos convincentes e irrecusáveis.

Por mais que queiramos tratar destes problemas objectivamente, abstraindo de pessoas, a verdade é que, pelas suas posições de direcção e pela aparente autoridade que daí lhes advém, elas se têm interposto, já pelo dinamismo desenvolvido de uns, já pela passividade

nunca o leu, como sobretudo por aqueles que o não souberam julgar, esse suposto mérito — ainda hoje proclamado pelos herdeiros da sua posição excepcional, a de *ditador* das Belas-Artes, como corajosamente lhe chamou Agostinho de Campos ao fazer o seu elogio fúnebre — tem pesado neste país, em que aprecia por virtude maior o «viver habitualmente».

investigação arrisca-se a tomar semblante de inconformismo, e as razões objectivadas assumem aspectos de polémica, ante a inércia autoritária das pessoas que se julgam mais ou menos atingidas.

Ora José de Figueiredo era, por 1905-1910, um *dilettante* que sobre a nossa pintura primitiva apenas podia saber o pouco, pouquíssimo, que então se sabia. Mas nem isso lhe permitia o pendor psíquico, que o levava a adoptar opiniões antes de as fundamentar com são espírito de exame e de análise.

Desde 1896, o douto Joaquim de Vasconcelos escrevera, muito acertadamente, que o pintor das tábuas expostas em S. Vicente de Fora devia ser um português formado na escola de pintura flamenga. Depois disso, não houve crítico de arte estrangeiro ou simples curioso com olhos de ver que não reconhecesse nessa obra primacial da pintura quatrocentista uma visão muito particular, muito portuguesa — herdeira embora

(Continua nas págs. centrais)

**JOSÉ DE BRAGANÇA AFIRMA QUE JÁ IDENTIFICOU CERCA DE TRINTA OBRAS DO VERDADEIRO AUTOR DOS PAINÉIS, DUAS DAS QUAIS SÃO A «PRINCESA SANTA JOANA» E «L'HOMME AU VERRE DE VIN». A PRIMEIRA ENCONTRA-SE NO MUSEU DE AVEIRO E A SEGUNDA NO MUSEU DO LOUVRE**

de outros, já pela discreta lentidão de outros ainda, tardos ou remissos em aceitar os factos como eles são, evidentes e incontrovertidos, como alguns que temos abordado o mais ao de leve que nos é possível — e ao cabo de mais de trinta anos de falar a surdos e despertar a consciência à pior espécie de cegos — os que não querem ver.

O mérito atribuído ao livro errado do dr. José de Figueiredo «O pintor Nuno Gonçalves», tanto por quem

Como se fosse possível persistir no erro, que exclui a virtude máxima da verdade!

Por isso, todo o trabalho de esclarecimento e de



Retrato da Princesa Santa Joana (Museu de Aveiro), que, pela identidade do estilo, é do verdadeiro autor dos Painéis.



«L'Homme au verre de vin», autora atribuído a Fouquet, mas, há trinta anos considerada por José de Bragança obra do pintor português dos Painéis

**QUINTA-FEIRA**  
*à tarde*

N.º 173

## O CONTO «HOOK»

Por ADONIAS FILHO

IGNORO se o conto «Hook» de Walter Van Tilburg Clark já foi traduzido e incorporado a uma das inúmeras antologias que vêm sendo publicadas com enorme acção pública. Se não o foi, e acredito que não o tenha sido, o editor não deve hesitar em fazer traduzi-lo imediatamente. E isso porque, apesar mesmo da expansão do conto na moderna literatura universal, não creio possa qualquer outro superá-lo com facilidade. No género, e ao que me pa-

rece, é uma obra-prima. Confesso que sempre o releio, por ele atraído, para reencontrar em sua grandeza poética a presença dramática daquele falcão que é tão humano quanto qualquer um de nós. No conto moderno, é não tenhamos dúvidas, «Hook» se exclui como uma das mais convenientes histórias escritas por ficcionista do nosso tempo.

Quando Walter Van Tilburg Clark o publicou — uma das contos de «The Watchful Gods And Other Stories» —

há precisamente dez anos, permaneceu como perdido ao conjunto da sua obra de ficção. O escritor, aliás, apesar da indiscutível significação na literatura contemporânea dos Estados Unidos, não conseguiu sobressair como os seus companheiros de geração: Caldwell, Steinbeck, Penn Warren, Paul Bowles, Alfred Hayes. Ignorando-o quase, o crítico norte-americano não se deteve sobre o solitário do rancho em Wasatch Valley. (Continua na 11.ª pág.)

O PROBLEMA NACIONAL DOS PAINÉIS

NÃO É PELAS TRAZEIRAS DA PINTURA QUE A CRÍTICA DE ARTE HÁ-DE FORMAR A SUA OPINIÃO

(Continuação da 1.ª pág.) de uma técnica e uma estética directamente influenciadas pela arte consumada de Jean Van Eyck.

Em 1909, o «conhecedor» «Sir» Herbert Cook publica no Burlington Magazine os nossos painéis, classificando-os decididamente de portugueses.

É durante esse período de estudo de 1905 a 1910 que J. de Figueiredo publica o seu primeiro ensaio: «Alguns seus painéis sobre a evolução da Arte em Portugal», datado de 1908. Ali se lê, logo de entrada:

«Não foi por falta de disposição natural que Portugal não chegou a ter uma escola de arte profundamente característica, exprimindo, claramente, a alma do seu povo (o itálico é nosso). Pensamentos, sentimentos e crenças, tudo o que constitui a força duma raça e a marca das suas tendências e aspirações, não atingiu, entre nós, uma plasticização integral e belamente

\*\*\*\*\*

QUEM VOTOU CONTRA MONTHERLANT?



A admissão de Henry de Montherlant na Academia Francesa foi contrariada por cinco votos. Ignora-se de quem, porque a votação, como é da praxe, decorreu em absoluto segredo. Entretanto, nos círculos literários franceses supõe-se que os votos contrários provinham desta lista de sete nomes: Valéry-Radot, André Chamson, Emile Henriot, Robert d'Hancourt, Jules Romains, Marcel Pagnol e François Mauriac...

\*\*\*\*\*

CONCURSO LITERÁRIO

A exemplo dos anos anteriores, promove a Direcção da Associação dos Antigos Alunos da Escola Commercial de Rodrigues Sampaio um concurso literário, cujo regulamento pode ser solicitado na sede da Associação, Rua das Gaiotas, 20-C, 1.º D.to, em Lisboa.

superior por causas meramente fortuitas.

E mais adiante: «E, sob o ponto de vista do carácter, a linguagem que, como artistas, então falamos se não chegou a articular-se definitivamente, foi, entretanto, mais que um simples balbuciar, sendo em tudo digna de estudo cuidadoso dos que queiram fazer a história da arte europeia nesse período».

Hoje, estas palavras soam como a negação das facilidades de ver e de sentir profundamente. Não são de um estudioso atento e reflectido, mas as de um opinioso, imbuido de preconceitos que deviam inibi-lo de ver objectivamente, esteticamente, o caso que já então se propunha abordar — e resolver!

Depois disso, assumindo a Direcção do Museu de Arte Antiga, Figueiredo pôde escutar Dulafof, Bertaux, Elias Tormo, Sanches Canton e tantas outras personalidades — pôde ver mais e melhor, — e tornou-se mais discreto. O seu projecto de publicar em francês a sua monografia, embora lhe não faltassem todos os meios e facilidades — nunca o realizou. Convitado, em 1927, a levar a Paris uma exposição dos primitivos, só a efectuou quando soube que o grande Focillon

aceitara o plano de uma tese de doutoramento de Universidade e patrocinava as nossas conclusões opostas à tese Nuno Gonçalves-S. Vicente.

No primeiro artigo aqui

publicado em 10-III, disse-mos que o problema jazia em ponto-morto, sustentando, em seu redor, o vácuo na história por fazer da pintura portuguesa.

(Continua no 9.ª pág.)



INEVITABILIDADE E CAUSALIDADE DA VELHICE

Por VICTOR FALCO

O que vai ser posto aqui em letra redonda não pretende ser fotos de dissertação. Será, apenas, um feixe, provavelmente mal atado, de reminiscências de leituras, efectuadas por mera curiosidade de espirito. Ninguém deverá, portanto, pesquisar essencialidade neste pobre escrito. O essencial dele, o que puder ser interpretado como sinal de saber, não é meu, não provém da minha rudimentar lavrança, Bebi-o, quase gota a gota, como os requintados de paladar bebem os licores, numa série de obras de biólogos, fisiologistas, médicos e filósofos que se têm dedicado ao estudo destas duas problemáticas, que decerto nunca deixaram de preocupar o homem, desde que ele surgiu na Terra: o da velhice, preannunciadora da morte, e o da obtenção da longevidade ou da imortalidade.

Creio que tresandaria a pedantismo, além de ser inútil, pôr-me a vozear desta varanda os títulos de todas essas obras e os nomes célebres de todos os seus respectivos autores. Já confesseti que me fui desdissertar em várias fontes; ninguém poderá, pois, dizer com verdade que tenho o fopete de apresentar como meu o que é dos outros. De meu haverá somente, no que vai seguir-se, o mínimo, o que não tem nada de valorativo nem de envaldecedor: o traslado (ou pouco mais), sem dúvida

com todas as falhas dos meus copistas do que a minha memória reteve.

Visto que estou em maré de explícções, direi ainda o seguinte: no presente artigo e noutro ainda, falar-se-á apenas da velhice. E isto sobretudo por ser o que se relaciona com ela o que mais directamente interessa o velho indistinctível que eu sou. Ficará para um terceiro artigo o concernente ao tema da longevidade, tema a que os ressuscitadores das credências descompassadas dos tempos míticos já agregaram várias tretas prometedoras da imortalidade. Parece-me conveniente não meter no mesmo saco o positivo com o imaginário. E por causa das constantes misturas de coisas tão antinómicas como essas que a maioria dos homens impersonalizados de hoje está a propender para a divinização do absurdo e a sentir-se bem em ambientes que têm similaridade com o dos infernos das casas de orates.

É claro que quando se é novo não se pensa na velhice nem na infalível finitude da vida. Na gente moça, a ardência do instintivo, a ansia, provocada pela convicção de descobrir os atractivos do ainda não visto, o borbulhamento constante da seiva nascente extremamente excitante, e o desejo intenso que essa impetuosidade dos elementos vitais cria, de recebimento e «esborreamento» das mais variadas sensações não se compadecem com raciocínios sobre o que não faz parte daquele «presente», palpitante e vibrante, que ela ambiciona conhecer completamente, sobretudo no que tiver de mais recôndito. Para a execução de tarefa tão minuciosa, que exige perscrutações e observações sucessivas, numerosas e multifárias, todo o tempo é escasso e toda a atenção insuficiente.

Creio serem muito poucos aqueles que, ao transporem a fronteira, fechada para retornos, por onde se passa da juventude para a idade madura, têm a convicção bem fundamentada de haver haurido tudo quanto podia satisfazer a fome e a sede da sua vitalidade. E os que a têm conhecedora as mais dolorosas desventuras, porque entram, prematuramente exaustos, interiorizados pelo tédio e pelo ceptismo, na zona da vida em que é essencial criar ou consumir, em que a energia, a aptidão para a luta e a confiança inabalável em si mesmo são absolutamente necessárias ao homem. Evidentemente, não se deve pretender que os jovens tenham quantidades maiores daquilo que falta de todo, ou é míngua, ou contingente em muitos homens felizes, mesmo nos que assumiram as responsabilidades inerentes à chefia de uma família: a reflexão, a cordura, o equilíbrio, a educação da vontade, a ideia da existência das incógnitas do futuro, o reconhecimento de que nenhuma vivência está isenta de choques com as vicissitudes...

Mocidade é curiosidade irresistível e continua, interesse e até paixão, por cada instante usufruído ou usufruível, avidez de experiências sucessivas, jacto na acção. Quando ela se nos mostra em antipodismo com isto, quer dizer, quando ela é descuriosa, inobservadora, apática, indiferente ao que palpita e vibra à sua volta, sem arrebatamentos sensoriais, não tem genuidade, é uma excepção à regra, uma degenerescência, uma monstruosidade, um péssimo kensatz do humano, no seu período mais vi-



OS MELHORES CONTOS Notas de João Pe Gandana e outros... RÁ NO PANTANO — Con A GRAVATA BERRANTE —

O prefácio um tanto melancólico — «que mais parece de fésia antecédida, e em parte o é», como ele próprio reconhece —, escrito para esta terceira série de Os Melhores Contos Portuguezes (1), João Pedro de An-

vaz. Também se pode dizer isto da idade madura, quando os que nela se encontram se empenham em com- (Continua no 9.ª pág.)

\*\*\*\*\*



O artista amador inglês William Malster

Publicações

«SEMANA DE ESTUDOS DOUTRINÁRIOS» — Com prefácio do sr. Prof. dr. Miranda Barbosa e comentários do dr. Henrique Barrilho Ruas, publicou-se um volume que arquiva os discursos, as teses e as intervenções da I Semana de Estudos Doutrinários, que se reuniu em Coimbra, em Janeiro de 1959.

«AUTORES» — Está publicado o número correspondente ao inverno de 1960 de «Autores», boletim da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portuguezes, dirigido pelo nosso prezado colaborador dr. Luis de Oliveira Guimarães. Insere variado e interessante colaboração, entre a qual uma carta do dr. Júlio Dantes, um artigo sobre a vida e a obra do escritor Félix Bermudes, que era o presidente da Sociedade e faleceu há pouco e outra do escritor Aquilino Ribeiro acerca da sua obra; e ainda os artigos e crónicas intituladas «O Direito de autor», pelo dr. José Galhardo; «O senhor Poeta», sobre António Correia de Oliveira; «Eça de Queirós e o Teatro», por Rodrigues Cavalheiro; «A arte de cantar o fado em Lisboa», por Azinhal Abelho; «Teatro infantil», por António Manuel Couto Viana; «Marechal Marceau e o renascimento da pantomima», por Tomás Ribas; «As comemorações henri-

(Continua na 11.ª pág.)

OS PAINÉIS DE SÃO VICENTE DE FORA

UM Documentário Sensacional

A HISTÓRIA MINUCIOSA DE UM DISCUTIDO PROBLEMA DE ARTE

NUMA EDIÇÃO MONUMENTAL DA NEOGRAVURA

NAS LIVRARIAS / PEDIDOS DE OBRAS COMPLETAS OU EM FASCÍCULOS AOS EDITORES: TRAVESSA DA OLIVEIRA (A ESTRELA), 4 E 6 / LISBOA / TEL. 664426

# CANÇÃO DE AUSÊNCIA

*Nesta ausência e minha dor,  
Alma do meu coração,  
Máis do que amor, meu amor  
É uma religião.*

*Creio em ti, fiel e triste,  
Como um cristão quando cre  
Em Deus, que sabe que existe,  
Mas no entanto não vê.*

JOSÉ BRUGES

**N**O dia 24 deste mês completam-se oito anos sobre a data em que desapareceu deste mundo o poeta José Bruges de Oliveira. Morreu em Tânger, onde exercia o cargo de vice-cônsul de Portugal, afastado do seu meio e dos seus amigos, saudoso dos tempos em que o seu espírito aventureiro e inquieto recolhía constantemente motivos de poesia nas tertúlias literárias da Europa e da América do Norte. Ao recordar o seu nome não temos convencer-nos de que está esquecido, na sua terra, o autor de tantos e tão belos poemas reunidos nos livros «Da Terra e do Mar», «As Minhas Cantigas», «Versos fúteis», «Ophir», «Canções do Longe e do Perto» e «Memórias»; das crónicas que escreveu durante anos para o «Diário Popular» e de numerosos artigos e poemas publicados em jornais e revistas portuguesas.

José Bruges deixou poesias inéditas, religiosamente conservadas por seus irmãos. Publicamos uma delas, escolhida ao acaso entre muitas: «Canção de Ausência».

# O PROBLEMA NACIONAL DOS PAINÉIS

(Continuação das págs. centrais)  
Um exemplo, entre outros, comprovará esta afirmação:

Em 1910, ano em que o livro de José de Figueiredo reproduziu os famosos Painéis, o sábio Salomon Reinach, arqueólogo notável e professor na Escola do Louvre, impressionado pela identidade de estilo e de técnica, não hesitou em atribuir à mesma mão um quadro que pouco antes acabava de ser adquirido pelo Estado francês, e que figurara na Exposição de Primitivos de 1904, atribuído a Jean Fouquet. Fê-lo num artigo da *Revue Arqueologique*, que foi traduzido e publicado pela Ilustração Portuguesa em Janeiro de 1911.

Apesar do nosso zeloso chavinismo, nunca essa obra foi integrada na produção do suposto Nuno Gonçalves. Mas as melhores competências na matéria não cessam de atribuir ao autor dos Painéis encontrados em S. Vicente de Fora. Basta citar o conservador do Louvre, Charles Sterling, e a americana Grete Ring, que em proficientes estudos sobre a pintura francesa, o excluem da antiga atribuição a Jean Fouquet, para os dar ao nosso pintor mal baptizado.

Creio poder dar uma razão suficiente deste desinteresse por esta e outras obras portuguesas existentes lá fora, e não reivindicadas pelas nossas publicações oficiais.

José de Figueiredo procurou caracterizar uma escola portuguesa, não pela expressão estética, mas por um particularismo de ordem técnica (?): O seu pintor aplicava as tintas directamente sobre a tábua, — o que é inexacto, — ao passo que os estrangeiros pinta-

vam sobre um preparado de gesso.

Ora a verdade é que os Painéis foram pintados sobre um preparado de cola, como tantos outros de outras escolas. Lembro-me da *Pieta* de Avignon, que apresenta um preparado análogo ao dos Painéis.

Há dez anos, tive ocasião de examinar detidamente esse «L'homme ou verre de vin», e de me certificar da identidade de factura, apesar da diferença de preparado da tábua — o que é de somenos significado. O mesmo pintor pode, consoante as circunstâncias, empregar um ou outro preparado, e não é positivamente pelas trazeiras da pintura que a crítica de arte há-de formar exclusivamente a sua opinião.

Pela mesma ilusória razão, nunca José de Figueiredo quis admitir que a famosa tábua do Museu de Aveiro, o retrato da princesa Santa Joana, fosse do seu pintor Nuno Gonçalves: a identidade de estilo é evidente. Mas este retrato foi também pintado sobre o tal preparado de gesso comum a tantas outras pinturas portuguesas do século XV e XVI, que só por essa precária razão não têm sido assim consideradas.

Até hoje, podemos identificar umas trinta obras do verdadeiro autor dos Painéis

## SOLUÇÕES

**BRIDGE** — Marque dois sem trunfo; esta marcação indica distribuição equilibrada, boas pegas em todos os naipes e contagem de 22 a 24 pontos. A resposta do seu parceiro não terá, praticamente valor algum, o que o leitor sem dúvida preferirá.

**XADREZ** — Silva Ramos jogou 1. Th8+, R7; 2. Bg6+, Re7; 3. Txf8!, Ca3+; 4. Rcl, Cx2; 5. Tl7+ seguido de Th8 mate.

«DIÁRIO POPULAR» É TRANSPORTADO PARA TODO O MUNDO NOS AVIOES DA «P. A. A.»

# INEVITABILIDADE E CAUSALIDADE DA VELHICE

(Continuação das págs. centrais)

portar-se, em todos os sentidos, como se estivessem no apogeu da juventude. Aardamento grotesco e descerço dos piões, porque, pelas razões que já expus, é nessa idade que o homem, se não deseja limitar-se a «existir» e a «vegetar», mais necessita de manter vivo o seu organismo, e em substituir nele todas as fontes de saúde por sucessivas irrupções de doenças. Terrível, também, e sobretudo, porque só cessa a sua acção demolidora, com a morte das suas células, morte que algumas desejam porque atingiram o máximo da sua capacidade de sofrimento e que outras gostariam de poder rechazar porque ela as aterroriza ainda mais do que a certeza da continuação das suas dores e angústias desesperadoras. São, provavelmente, os

velhos que, em consequência da desatuação e da deterioração do organismo em funcionamento durante longo tempo, caíram no abismo caliginoso da senectude, os únicos que não sofrem por terem o corpo sem préstimo para nada, o espírito transformado para sempre e a morte diante deles, a chamá-los, com a fome em riste. Não há decerto, além desta, qualquer outra circunstância em que, com alguma razão, seja admissível considerar um bem o estado de inconsciência.

Só a morte, natural ou voluntária, poderia preservar o homem das misérias e dos tormentos da velhice. Mas a morte natural não depende de claro, de solicitações dele, porque se dependesse não seria, logicamente, natural. E a outra espécie de morte não é realizável senão quando o que pretende causa-la atinge o grau de sobreexcitação e desesperação que se identifica com a loucura. Temos pois de sujeitar-nos à velhice como nos sujeitamos a outras desgraças inevitáveis. Mas se é claro que não podemos desprender-nos dessa sujeição, que temos de sentir até nos extinguirmos, é igualmente exacto que ela, quando se nos impõe, não nos obriga a cair em letargia, a pressidir, como se preside do inútil, do que nos restar de vitalidade, de amor à vida e de predisposição para os belos sonhos. Devemos, por conseguinte, por esses resíditos do que fomos nas idades viris precedentes, ao serviço do nosso organismo e alimentarmos a esperança, porque ela pode animar-nos também, de que conseguiremos assim afrouxar o ritmo da nossa decadência.

Não pratiquemos, contudo, a tonitria de crer que se nos entregarmos com pertinácia e com método a esta tarefa, ela nos deixará sempre, sem excepções, inteiramente satisfeitos. Os abalos e os estragos que a progressão da velhice produz no organismo são numerosos e alguns deles tão graves que não há maneira de os reparar, nem de impedir o seu clarustamento. Não julgemos, tão-pouco, que o facto de algumas pessoas idosas nos darem, física e espiritualmente, a impressão de não haverem sido tocadas pela decrepitude é apenas a consequência benéfica da sobriedade que elas se impõem e dos cuidados extremos que têm com a saúde. A verdade é que, por vários motivos, verificados ou não, algumas pessoas, ao entrarem no período de envelhecimento com a mesma idade, nuns há antecipação; noutros, retardamento. É tal qual o que se dá com as estações de certos países e em certos anos, também se adiantam ou atrasam no seu começo, também se pro-

longam ou se encurtam, como se solísticas e equívocas não exercessem nella influência.

Mas não é apenas de assinalar, como já fiz, que a idade em que a velhice surge não é a mesma para todos os homens. Deve-se registar também a verdade que há várias espécies de velhice. Há, por exemplo, velhices adiantadas, ainda válidas, ainda activas, mantidas assim principalmente pelo estímulo de uma psique sã, inalterada, como há, em contraposição, velhices sem grandes sobrecargas de anos, praticamente inertes, marasmáticas, desinteressadas de tudo, nas quais, a bem dizer, o único sinal de vida é a subsistência das mais essenciais funções orgânicas. Há quem tenha a intuição maravilhosa de «como se deve ser velho», quem possua força de alma bastante para suportar, como se fosse insensível, todos os efeitos dolorosos da acção inferiorizante da velhice, e há, inversamente, quem, ao notar os primeiros desfalecimentos do seu vigor, as primeiras desobediências do seu físico, as inimizades dos seus desejos, se alinhe, no ponto de julgar que a vida, com o cortejo de sensações que a acompanha, está prestes a terminar para ele.

O facto de nem todos os homens «sentirem» a velhice da mesma maneira, de estar provado que a decrepitude é numas mais vagarosa do que noutras, e mesmo de parecer que ela se generaliza nestes rapidamente e naqueles se limita, durante anos, a arruinar somente certas zonas, tem servido de pretexto aos especialistas na matéria (aos que gostam de linguajar ante o público), para a exposição das mais desconcertantes teses, muitas delas impantes de dogmatismo, a despeito de na realidade asentarem em grande parte apenas no frágil e no movêdico do conjectural.

Nenhum dos interpretadores, nos tempos modernos, dos emistérios do envelhecimento humano se celebrou mais depressa do que o médico inglês William Osler. O que lhe faltou a obtenção, num ípe, do conhecimento e a certeza de que o colesterol é o causador exclusivo do endurecimento das artérias, como Osler deu a entender, nem portanto o único ou o principal acelerador do envelhecimento.

Como se a teoria de Osler fosse armada a modo de infantaria caseiro de cartas, outra teoria surgiu com todos os ares lampeiros de um «fiat lux»: a de que o homem tem a idade do seu aparelho digestivo. Foi

Metchnikoff, bacteriologista russo, quem a defendeu; não porém, como o médico inglês, com o fito de se tornar célebre, porque celebre já ele era antes da referida engendração, graças à eloquência com que enalteceu o logrute como a teoria que Metchnikoff formulou depois também afortunadamente, a exemplo de Osler. Com efeito, por que disse ele que o homem tem a idade do seu aparelho digestivo? Disse-o, como confessou, por ter a opinião de que são as putrefacções intestinais, com todos os venenos segregados pelas bactérias, que provocam as intoxicações celulares, de que essas intoxicações são a verdadeira causa da esclerose e de que, portanto, só a elas se deve atribuir a prematuridade ou a celeridade do envelhecimento.

Metchnikoff entendia, porém, que essas intoxicações eram evitáveis ou remediáveis, que havia para elas uma espécie de antidoto: a assepsia intestinal. E aconselhava como assepticismo, porque o considerava eficientíssimo, providencial, o logrute, que é, desde há séculos, um dos alimentos básicos dos monges, para estes, em geral, que se diz serem na Europa os homens mais refractários às doenças e os mais longevos. Mas depressa apareceram colegas e rivais do bacteriologista russo que, para estabelecerem na estrada da glória, lhe lembraram o que ele havia esquecido: que «quem quer ser vivo, posto num meio absolutamente assepticizado, está tão sujeito ao envelhecimento como qualquer outro». E lá se foi por água abaixo a teoria de Metchnikoff, como já havia ido a de Osler e como foram depois mais algumas que o leitor conhecerá quando eu puser a soar a segunda parte deste disco fonográfico...

Metchnikoff entendia, porém, que essas intoxicações eram evitáveis ou remediáveis, que havia para elas uma espécie de antidoto: a assepsia intestinal. E aconselhava como assepticismo, porque o considerava eficientíssimo, providencial, o logrute, que é, desde há séculos, um dos alimentos básicos dos monges, para estes, em geral, que se diz serem na Europa os homens mais refractários às doenças e os mais longevos. Mas depressa apareceram colegas e rivais do bacteriologista russo que, para estabelecerem na estrada da glória, lhe lembraram o que ele havia esquecido: que «quem quer ser vivo, posto num meio absolutamente assepticizado, está tão sujeito ao envelhecimento como qualquer outro». E lá se foi por água abaixo a teoria de Metchnikoff, como já havia ido a de Osler e como foram depois mais algumas que o leitor conhecerá quando eu puser a soar a segunda parte deste disco fonográfico...

Metchnikoff entendia, porém, que essas intoxicações eram evitáveis ou remediáveis, que havia para elas uma espécie de antidoto: a assepsia intestinal. E aconselhava como assepticismo, porque o considerava eficientíssimo, providencial, o logrute, que é, desde há séculos, um dos alimentos básicos dos monges, para estes, em geral, que se diz serem na Europa os homens mais refractários às doenças e os mais longevos. Mas depressa apareceram colegas e rivais do bacteriologista russo que, para estabelecerem na estrada da glória, lhe lembraram o que ele havia esquecido: que «quem quer ser vivo, posto num meio absolutamente assepticizado, está tão sujeito ao envelhecimento como qualquer outro». E lá se foi por água abaixo a teoria de Metchnikoff, como já havia ido a de Osler e como foram depois mais algumas que o leitor conhecerá quando eu puser a soar a segunda parte deste disco fonográfico...

Metchnikoff entendia, porém, que essas intoxicações eram evitáveis ou remediáveis, que havia para elas uma espécie de antidoto: a assepsia intestinal. E aconselhava como assepticismo, porque o considerava eficientíssimo, providencial, o logrute, que é, desde há séculos, um dos alimentos básicos dos monges, para estes, em geral, que se diz serem na Europa os homens mais refractários às doenças e os mais longevos. Mas depressa apareceram colegas e rivais do bacteriologista russo que, para estabelecerem na estrada da glória, lhe lembraram o que ele havia esquecido: que «quem quer ser vivo, posto num meio absolutamente assepticizado, está tão sujeito ao envelhecimento como qualquer outro». E lá se foi por água abaixo a teoria de Metchnikoff, como já havia ido a de Osler e como foram depois mais algumas que o leitor conhecerá quando eu puser a soar a segunda parte deste disco fonográfico...

Metchnikoff entendia, porém, que essas intoxicações eram evitáveis ou remediáveis, que havia para elas uma espécie de antidoto: a assepsia intestinal. E aconselhava como assepticismo, porque o considerava eficientíssimo, providencial, o logrute, que é, desde há séculos, um dos alimentos básicos dos monges, para estes, em geral, que se diz serem na Europa os homens mais refractários às doenças e os mais longevos. Mas depressa apareceram colegas e rivais do bacteriologista russo que, para estabelecerem na estrada da glória, lhe lembraram o que ele havia esquecido: que «quem quer ser vivo, posto num meio absolutamente assepticizado, está tão sujeito ao envelhecimento como qualquer outro». E lá se foi por água abaixo a teoria de Metchnikoff, como já havia ido a de Osler e como foram depois mais algumas que o leitor conhecerá quando eu puser a soar a segunda parte deste disco fonográfico...

Metchnikoff entendia, porém, que essas intoxicações eram evitáveis ou remediáveis, que havia para elas uma espécie de antidoto: a assepsia intestinal. E aconselhava como assepticismo, porque o considerava eficientíssimo, providencial, o logrute, que é, desde há séculos, um dos alimentos básicos dos monges, para estes, em geral, que se diz serem na Europa os homens mais refractários às doenças e os mais longevos. Mas depressa apareceram colegas e rivais do bacteriologista russo que, para estabelecerem na estrada da glória, lhe lembraram o que ele havia esquecido: que «quem quer ser vivo, posto num meio absolutamente assepticizado, está tão sujeito ao envelhecimento como qualquer outro». E lá se foi por água abaixo a teoria de Metchnikoff, como já havia ido a de Osler e como foram depois mais algumas que o leitor conhecerá quando eu puser a soar a segunda parte deste disco fonográfico...

Metchnikoff entendia, porém, que essas intoxicações eram evitáveis ou remediáveis, que havia para elas uma espécie de antidoto: a assepsia intestinal. E aconselhava como assepticismo, porque o considerava eficientíssimo, providencial, o logrute, que é, desde há séculos, um dos alimentos básicos dos monges, para estes, em geral, que se diz serem na Europa os homens mais refractários às doenças e os mais longevos. Mas depressa apareceram colegas e rivais do bacteriologista russo que, para estabelecerem na estrada da glória, lhe lembraram o que ele havia esquecido: que «quem quer ser vivo, posto num meio absolutamente assepticizado, está tão sujeito ao envelhecimento como qualquer outro». E lá se foi por água abaixo a teoria de Metchnikoff, como já havia ido a de Osler e como foram depois mais algumas que o leitor conhecerá quando eu puser a soar a segunda parte deste disco fonográfico...

Metchnikoff entendia, porém, que essas intoxicações eram evitáveis ou remediáveis, que havia para elas uma espécie de antidoto: a assepsia intestinal. E aconselhava como assepticismo, porque o considerava eficientíssimo, providencial, o logrute, que é, desde há séculos, um dos alimentos básicos dos monges, para estes, em geral, que se diz serem na Europa os homens mais refractários às doenças e os mais longevos. Mas depressa apareceram colegas e rivais do bacteriologista russo que, para estabelecerem na estrada da glória, lhe lembraram o que ele havia esquecido: que «quem quer ser vivo, posto num meio absolutamente assepticizado, está tão sujeito ao envelhecimento como qualquer outro». E lá se foi por água abaixo a teoria de Metchnikoff, como já havia ido a de Osler e como foram depois mais algumas que o leitor conhecerá quando eu puser a soar a segunda parte deste disco fonográfico...

Metchnikoff entendia, porém, que essas intoxicações eram evitáveis ou remediáveis, que havia para elas uma espécie de antidoto: a assepsia intestinal. E aconselhava como assepticismo, porque o considerava eficientíssimo, providencial, o logrute, que é, desde há séculos, um dos alimentos básicos dos monges, para estes, em geral, que se diz serem na Europa os homens mais refractários às doenças e os mais longevos. Mas depressa apareceram colegas e rivais do bacteriologista russo que, para estabelecerem na estrada da glória, lhe lembraram o que ele havia esquecido: que «quem quer ser vivo, posto num meio absolutamente assepticizado, está tão sujeito ao envelhecimento como qualquer outro». E lá se foi por água abaixo a teoria de Metchnikoff, como já havia ido a de Osler e como foram depois mais algumas que o leitor conhecerá quando eu puser a soar a segunda parte deste disco fonográfico...

Metchnikoff entendia, porém, que essas intoxicações eram evitáveis ou remediáveis, que havia para elas uma espécie de antidoto: a assepsia intestinal. E aconselhava como assepticismo, porque o considerava eficientíssimo, providencial, o logrute, que é, desde há séculos, um dos alimentos básicos dos monges, para estes, em geral, que se diz serem na Europa os homens mais refractários às doenças e os mais longevos. Mas depressa apareceram colegas e rivais do bacteriologista russo que, para estabelecerem na estrada da glória, lhe lembraram o que ele havia esquecido: que «quem quer ser vivo, posto num meio absolutamente assepticizado, está tão sujeito ao envelhecimento como qualquer outro». E lá se foi por água abaixo a teoria de Metchnikoff, como já havia ido a de Osler e como foram depois mais algumas que o leitor conhecerá quando eu puser a soar a segunda parte deste disco fonográfico...

Metchnikoff entendia, porém, que essas intoxicações eram evitáveis ou remediáveis, que havia para elas uma espécie de antidoto: a assepsia intestinal. E aconselhava como assepticismo, porque o considerava eficientíssimo, providencial, o logrute, que é, desde há séculos, um dos alimentos básicos dos monges, para estes, em geral, que se diz serem na Europa os homens mais refractários às doenças e os mais longevos. Mas depressa apareceram colegas e rivais do bacteriologista russo que, para estabelecerem na estrada da glória, lhe lembraram o que ele havia esquecido: que «quem quer ser vivo, posto num meio absolutamente assepticizado, está tão sujeito ao envelhecimento como qualquer outro». E lá se foi por água abaixo a teoria de Metchnikoff, como já havia ido a de Osler e como foram depois mais algumas que o leitor conhecerá quando eu puser a soar a segunda parte deste disco fonográfico...

Metchnikoff entendia, porém, que essas intoxicações eram evitáveis ou remediáveis, que havia para elas uma espécie de antidoto: a assepsia intestinal. E aconselhava como assepticismo, porque o considerava eficientíssimo, providencial, o logrute, que é, desde há séculos, um dos alimentos básicos dos monges, para estes, em geral, que se diz serem na Europa os homens mais refractários às doenças e os mais longevos. Mas depressa apareceram colegas e rivais do bacteriologista russo que, para estabelecerem na estrada da glória, lhe lembraram o que ele havia esquecido: que «quem quer ser vivo, posto num meio absolutamente assepticizado, está tão sujeito ao envelhecimento como qualquer outro». E lá se foi por água abaixo a teoria de Metchnikoff, como já havia ido a de Osler e como foram depois mais algumas que o leitor conhecerá quando eu puser a soar a segunda parte deste disco fonográfico...

Metchnikoff entendia, porém, que essas intoxicações eram evitáveis ou remediáveis, que havia para elas uma espécie de antidoto: a assepsia intestinal. E aconselhava como assepticismo, porque o considerava eficientíssimo, providencial, o logrute, que é, desde há séculos, um dos alimentos básicos dos monges, para estes, em geral, que se diz serem na Europa os homens mais refractários às doenças e os mais longevos. Mas depressa apareceram colegas e rivais do bacteriologista russo que, para estabelecerem na estrada da glória, lhe lembraram o que ele havia esquecido: que «quem quer ser vivo, posto num meio absolutamente assepticizado, está tão sujeito ao envelhecimento como qualquer outro». E lá se foi por água abaixo a teoria de Metchnikoff, como já havia ido a de Osler e como foram depois mais algumas que o leitor conhecerá quando eu puser a soar a segunda parte deste disco fonográfico...

Metchnikoff entendia, porém, que essas intoxicações eram evitáveis ou remediáveis, que havia para elas uma espécie de antidoto: a assepsia intestinal. E aconselhava como assepticismo, porque o considerava eficientíssimo, providencial, o logrute, que é, desde há séculos, um dos alimentos básicos dos monges, para estes, em geral, que se diz serem na Europa os homens mais refractários às doenças e os mais longevos. Mas depressa apareceram colegas e rivais do bacteriologista russo que, para estabelecerem na estrada da glória, lhe lembraram o que ele havia esquecido: que «quem quer ser vivo, posto num meio absolutamente assepticizado, está tão sujeito ao envelhecimento como qualquer outro». E lá se foi por água abaixo a teoria de Metchnikoff, como já havia ido a de Osler e como foram depois mais algumas que o leitor conhecerá quando eu puser a soar a segunda parte deste disco fonográfico...

O «DIÁRIO POPULAR» VENDE-SE EM ALMADA NA TABACARIA ARCADE PRAÇA DA RENOVAÇÃO, 8-B Telefone 87 88 61

Metchnikoff entendia, porém, que essas intoxicações eram evitáveis ou remediáveis, que havia para elas uma espécie de antidoto: a assepsia intestinal. E aconselhava como assepticismo, porque o considerava eficientíssimo, providencial, o logrute, que é, desde há séculos, um dos alimentos básicos dos monges, para estes, em geral, que se diz serem na Europa os homens mais refractários às doenças e os mais longevos. Mas depressa apareceram colegas e rivais do bacteriologista russo que, para estabelecerem na estrada da glória, lhe lembraram o que ele havia esquecido: que «quem quer ser vivo, posto num meio absolutamente assepticizado, está tão sujeito ao envelhecimento como qualquer outro». E lá se foi por água abaixo a teoria de Metchnikoff, como já havia ido a de Osler e como foram depois mais algumas que o leitor conhecerá quando eu puser a soar a segunda parte deste disco fonográfico...

Metchnikoff entendia, porém, que essas intoxicações eram evitáveis ou remediáveis, que havia para elas uma espécie de antidoto: a assepsia intestinal. E aconselhava como assepticismo, porque o considerava eficientíssimo, providencial, o logrute, que é, desde há séculos, um dos alimentos básicos dos monges, para estes, em geral, que se diz serem na Europa os homens mais refractários às doenças e os mais longevos. Mas depressa apareceram colegas e rivais do bacteriologista russo que, para estabelecerem na estrada da glória, lhe lembraram o que ele havia esquecido: que «quem quer ser vivo, posto num meio absolutamente assepticizado, está tão sujeito ao envelhecimento como qualquer outro». E lá se foi por água abaixo a teoria de Metchnikoff, como já havia ido a de Osler e como foram depois mais algumas que o leitor conhecerá quando eu puser a soar a segunda parte deste disco fonográfico...

Metchnikoff entendia, porém, que essas intoxicações eram evitáveis ou remediáveis, que havia para elas uma espécie de antidoto: a assepsia intestinal. E aconselhava como assepticismo, porque o considerava eficientíssimo, providencial, o logrute, que é, desde há séculos, um dos alimentos básicos dos monges, para estes, em geral, que se diz serem na Europa os homens mais refractários às doenças e os mais longevos. Mas depressa apareceram colegas e rivais do bacteriologista russo que, para estabelecerem na estrada da glória, lhe lembraram o que ele havia esquecido: que «quem quer ser vivo, posto num meio absolutamente assepticizado, está tão sujeito ao envelhecimento como qualquer outro». E lá se foi por água abaixo a teoria de Metchnikoff, como já havia ido a de Osler e como foram depois mais algumas que o leitor conhecerá quando eu puser a soar a segunda parte deste disco fonográfico...

Metchnikoff entendia, porém, que essas intoxicações eram evitáveis ou remediáveis, que havia para elas uma espécie de antidoto: a assepsia intestinal. E aconselhava como assepticismo, porque o considerava eficientíssimo, providencial, o logrute, que é, desde há séculos, um dos alimentos básicos dos monges, para estes, em geral, que se diz serem na Europa os homens mais refractários às doenças e os mais longevos. Mas depressa apareceram colegas e rivais do bacteriologista russo que, para estabelecerem na estrada da glória, lhe lembraram o que ele havia esquecido: que «quem quer ser vivo, posto num meio absolutamente assepticizado, está tão sujeito ao envelhecimento como qualquer outro». E lá se foi por água abaixo a teoria de Metchnikoff, como já havia ido a de Osler e como foram depois mais algumas que o leitor conhecerá quando eu puser a soar a segunda parte deste disco fonográfico...

Metchnikoff entendia, porém, que essas intoxicações eram evitáveis ou remediáveis, que havia para elas uma espécie de antidoto: a assepsia intestinal. E aconselhava como assepticismo, porque o considerava eficientíssimo, providencial, o logrute, que é, desde há séculos, um dos alimentos básicos dos monges, para estes, em geral, que se diz serem na Europa os homens mais refractários às doenças e os mais longevos. Mas depressa apareceram colegas e rivais do bacteriologista russo que, para estabelecerem na estrada da glória, lhe lembraram o que ele havia esquecido: que «quem quer ser vivo, posto num meio absolutamente assepticizado, está tão sujeito ao envelhecimento como qualquer outro». E lá se foi por água abaixo a teoria de Metchnikoff, como já havia ido a de Osler e como foram depois mais algumas que o leitor conhecerá quando eu puser a soar a segunda parte deste disco fonográfico...

Metchnikoff entendia, porém, que essas intoxicações eram evitáveis ou remediáveis, que havia para elas uma espécie de antidoto: a assepsia intestinal. E aconselhava como assepticismo, porque o considerava eficientíssimo, providencial, o logrute, que é, desde há séculos, um dos alimentos básicos dos monges, para estes, em geral, que se diz serem na Europa os homens mais refractários às doenças e os mais longevos. Mas depressa apareceram colegas e rivais do bacteriologista russo que, para estabelecerem na estrada da glória, lhe lembraram o que ele havia esquecido: que «quem quer ser vivo, posto num meio absolutamente assepticizado, está tão sujeito ao envelhecimento como qualquer outro». E lá se foi por água abaixo a teoria de Metchnikoff, como já havia ido a de Osler e como foram depois mais algumas que o leitor conhecerá quando eu puser a soar a segunda parte deste disco fonográfico...

Metchnikoff entendia, porém, que essas intoxicações eram evitáveis ou remediáveis, que havia para elas uma espécie de antidoto: a assepsia intestinal. E aconselhava como assepticismo, porque o considerava eficientíssimo, providencial, o logrute, que é, desde há séculos, um dos alimentos básicos dos monges, para estes, em geral, que se diz serem na Europa os homens mais refractários às doenças e os mais longevos. Mas depressa apareceram colegas e rivais do bacteriologista russo que, para estabelecerem na estrada da glória, lhe lembraram o que ele havia esquecido: que «quem quer ser vivo, posto num meio absolutamente assepticizado, está tão sujeito ao envelhecimento como qualquer outro». E lá se foi por água abaixo a teoria de Metchnikoff, como já havia ido a de Osler e como foram depois mais algumas que o leitor conhecerá quando eu puser a soar a segunda parte deste disco fonográfico...

VICTOR FALCAO